

Destacamos a primeira e a última página de uma história. Nelas podemos perceber, claramente, o objetivo inicial e final do projeto, tanto em produção textual como em ciências.



Figura 16



Figura 17: Kairos e Stênio (turma-603)

5. Considerações finais

Consideramos de suma importância trabalhar a correlação entre a modalidade falada e a modalidade escrita.

O tema proposto em sala de aula para a elaboração das narrativas permitiu estudar os elementos que caracterizam a linguagem dos quadri-nhos. Em uma atividade autônoma, trabalhamos com as leituras anteriores presentes na bagagem cultural de cada um. Além disso, o gênero escolhido consentiu o estudo da língua mais próxima do registro do aluno.

Entendemos que no processo pedagógico torna-se necessário à escola dar importância às variabilidades linguísticas. Conforme observa Geraldi (2002), no processo pedagógico, não se trata de substituir uma variedade por outra, mas se trata de construir possibilidades de novas formas de interação. Essas situações vivenciadas pelo aluno vão levá-lo a compreender que todos os registros da língua têm sua importância. A utilização de cada um vai depender da situação sociointerativa.

Em tom de brincadeira e de maneira criativa despertamos a apreensão dos conteúdos de língua portuguesa. Estimulamos também a criação de revistas com histórias produzidas pelas turmas, que continham as habilidades e as competências destinadas aos alunos do sexto ano do ensino fundamental.

Chamamos atenção para a alegria e o prazer, compartilhados com as crianças. Estas interpretavam e produziam os textos nos trazendo esperança de um trabalho produtivo e prazeroso na escola pública, ao trabalhar com aluno atividades que o levem a uma competência comunicativa e à aquisição de valores imprescindíveis à nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTE, Daniel; VIGNER, Gerard; BERTRAND, D.; CHAROLLES, Michel; BOUACHA, A. Ali; MOIRAND, Sophie. *O texto: leitura & escrita*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino de*

língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2014.

EISNER, Will. *Comics & sequential art*. 1. ed. brasileira. São Paulo: Fontes, 1989.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 29-39.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 194-207.

PAULIUKONIS, Aparecida Lino. Texto e discurso: Desafios no ensino de português. *Letras & Letras*, v. 29, n. 2, 2013.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. Recursos de oralidade nos quadrinhos. In: ELIAS, V. M. (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2014. p.79-101.

RIO DE JANEIRO. *Currículo mínimo: produção textual*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, 2012.

MANUTENÇÃO DA PROGRESSÃO TEMÁTICA NOS TEXTOS ACADÊMICOS

Fabiana Cristine Batista da Silva (UFAC)

fabiana_batista@hotmail.com

Rosane Garcia Silva (UFAC)

rosane.garcia@gmail.com

RESUMO

O trabalho desenvolvido parte do pressuposto apontado por Kock e Elias (2006) de que o texto é lugar interação de sujeitos sociais e que por meio de ações linguísticas constroem os discursos e propostas de sentido. Assim, o objetivo foi explorar na superfície do texto as marcas linguísticas relacionadas ao processo de progressão textual, também denominada de sequenciação. Analisamos 150 produções textuais, de tipologia argumentativa, de alunos ingressantes no curso de letras a fim de encontrar a presença dos mecanismos responsáveis pela progressão textual, identificando e quantificando as recorrências relacionadas ao a) uso de um mesmo item lexical, b) conteúdos semânticos ou paráfrase e c) de tempo ou aspecto verbal. A partir daí, estabelecemos os principais recursos utilizados pelos produtores a fim de proporcionar a progressão do texto.

Palavras-chave: Progressão temática. Progressão textual.
Textos acadêmicos. Marcas linguísticas. Tipologia argumentativa.

1. Introdução

No texto, como qualquer tipo de estrutura, as partes distintas organizam-se funcionalmente, constituindo um conjunto uniforme. Assim, de acordo com Platão e Fiorin (2005), uma estrutura não se monta pela repetição de partes iguais, mas pela combinação orgânica de partes diferentes. A conceituação dada, embora um tanto simplificada, orienta a proposta de investigação aqui apresentada a qual pretende estudar os mecanismos de progressão textual.

O trabalho desenvolvido parte do pressuposto apontado por Kock e Elias (2006) de que o texto é lugar interação de sujeitos sociais e que por meio de ações linguísticas constroem os discursos e propostas de sentido. A partir daí, temos o objetivo de explorar na superfície do texto as marcas linguísticas relacionadas ao processo de progressão textual, também denominada de sequenciação. A progressão textual diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais são estabelecidas entre segmentos do texto – sejam eles enunciados, parágrafos e seqüências textuais – relações semânticas e/ou pragmático-discursivas à medida que o texto progride (KOCH, 2002). A compreensão desse mecanismo de funcionamento e das relações que se estabelecem no interior do texto requer resulta a concepção de língua como atividade social materializada nas produções permeadas de significação na situação concreta de produção. Em decorrência disso, a produção de um texto – oral ou escrito – exige o emprego de estratégias de ordem linguística e cognitiva para o eficaz efeito que se quer atribuir ao texto. Podemos lembrar aqui a posição de Bakhtin quando afirma que

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas [de atividade humana], não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Trataremos dos diversos mecanismos de sequenciação, salientados por Kock e Elias (2006) conceituados como “os diversos tipos de atividades realizadas pelo produtor para fazer o texto progredir, mantendo o fio discursivo”.

A proposta de investigação é justificada pela observação de produções de textos desenvolvidos nas aulas de língua portuguesa I, quando encontramos uma grande lacuna entre o que se espera com relação ao desenvolvimento homogêneo do texto e o que realmente é produzido, muitas vezes, nos deparamos com textos contendo várias rupturas na sua constituição. Surgiu por esse motivo, a proposta de investigação aqui exposta.

1.1. Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi investigar os elementos linguísticos responsáveis pelo processo de progressão textual nas produções escritas de alunos do primeiro período do curso de letras português.

Para atingir ao objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar quais são os recursos gramaticais empregados para manter a progressão textual;
- b) identificar e quantificar o uso de reiteraões de um mesmo item lexical;
- c) identificar e quantificar o uso de paráfrases;
- d) recorrência de tempo e aspecto verbal.

1.2. Metodologia

Na pesquisa foi utilizado o *corpus* de análise constituído material documental a partir de textos de diferentes gêneros, de tipologia argumentativa, produzidos por alunos do primeiro período do curso de letras português. A coleta dos dados foi realizada pela orientadora da pesquisa, nas aulas de língua portuguesa I e, posteriormente, os textos coletados foram organizados pela bolsista de iniciação científica para análise. As coletas dos textos produzidos pelos alunos do primeiro período do curso de letras português foram realizadas mensalmente durante um semestre letivo, totalizando 150 produções. Os textos foram digitados em documento Word, sem a indicação de autoria, e armazenados para consulta. Na organização dos arquivos de textos, adotamos a identificação apenas do mês de coleta do material, sem a indicação de autoria para preservação dos produtores.

Os dados foram selecionados conforme os fenômenos propostos para a investigação, a saber: a) recursos gramaticais empregados para manter a progressão textual; b) reiteraões de um mesmo item lexical; c) paráfrases e d) recorrência de tempo e aspecto verbal.

Os textos digitados serão submetidos à análise do software de exploração de dados linguísticos WordSmith Tools¹⁷. O programa oferece ferramentas de contagem de palavras e listagem dos termos mais e menos frequentes do *corpus*.

¹⁷ O programa de Mike Scott, da Universidade de Liverpool, é publicado pela Oxford University Press e disponibilizado em <<http://www.lexically.net/LexicalAnalysisSoftware/index.html>>.

2. Resultados e discussão

Retomando o objeto de estudo, com relação aos diversos tipos de atividades realizadas pelo produtor do texto para manter a progressão textual, Koch e Elias (2006) apontam para o fato de que a sequenciação pode realizar-se com e sem recorrências. Quanto ao primeiro, as autoras destacam: (a) recorrência de termos com reiteração de um mesmo item lexical; (b) recorrência de estrutura (paralelismo sintático); (c) recorrência de conteúdos semânticos (paráfrase) apresentada pelo uso do mesmo conteúdo semântico sob formas estruturais diferentes; (d) recorrência de tempo e aspecto verbal.

Na recorrência de termos com reiteração ou repetição de um mesmo item lexical, a autora esclarece que seu uso tem por efeito trazer ao enunciado um acréscimo de sentido, que não teria se o item fosse usado somente uma vez.

Em recorrências de estrutura ou paralelismo sintático, o enunciado constrói-se com a utilização das mesmas estruturas sintáticas, preenchidas com itens lexicais diferentes, ressalta-se aqui que não foram investigadas tais formas porque envolveriam outra metodologia de análise.

Quanto à recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrase, situação semelhante ocorre, porém, é apresentada pelo uso do mesmo conteúdo semântico sob formas estruturais diferentes. Cada representação do conteúdo pode sofrer alguma alteração incorrendo em ajustamento, reformulação, desenvolvimento, síntese ou precisão maior do sentido do elemento citado primeiramente. Koch e Elias (2006) dizem que cada língua possui uma série de expressões linguísticas introdutoras de recorrência de conteúdos semânticos, como *isto é, ou seja, quer dizer, ou melhor, em outras palavras, em síntese, em resumo etc.*

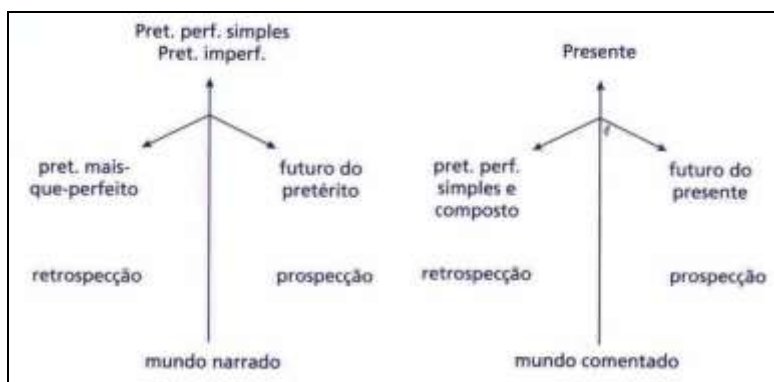
Por último, a recorrência de um mesmo tempo verbal pode trazer indicações sobre: a) se a sequência deve ser interpretada como comentário – mostrando a posição do autor – ou em um relato quando não há engajamento; b) se a perspectiva é retrospectiva, prospectiva ou zero e c) se o segmento em que ocorre pertence ao primeiro ou segundo plano nos relatos, conforme mostrado na ilustração na **Fig. 1**.

Quanto à sequenciação sem recorrências, são destacados os procedimentos de manutenção temática chamados de progressão temática com a organização e hierarquização das unidades do texto concretizadas através de blocos comunicativos (tema e rema). Ainda, a progressão te-

mática está sujeita a subclassificações: progressão temática linear, progressão temática com tema constante, progressão temática com temas derivados e progressão por desenvolvimento de um rema subdividido.

Além de todos os critérios citados, o tópico sugerido contempla os mecanismos de coesão que podem ser utilizados para dar continuidade ao texto. O que, por sua vez, já aponta para inúmeros mecanismos de relacionamento entre as partes do texto.

Fig. 1 – Recorrência de acordo com o aspecto verbal



Fonte: Adaptado de Koch e Elias (2006, p. 157)

Diante da complexidade do estudo, propomos observar como são utilizados os mecanismos linguísticos de ordem gramatical a fim de dar continuidade, unidade, significação e organização nas produções dos alunos ingressantes no curso de letras portugueses.

Assim, expomos a seguir os resultados observados na pesquisa:

2.1. Recorrência de termos com reiteração de um mesmo item lexical

A frequência desse tipo de recorrência no *corpus* da pesquisa apresentou alguns aspectos importantes quanto à forma de uso pelos falantes da língua. Observamos que a recorrência se deu principalmente quando utilizadas as formas negativas, como exemplificado em:

- (1) [...] *não gosto, não gosto* de ser considerado [...]
- (2) *Não é* coerente, *não* há relação com a realidade vivida pela população.

- (3) *Não* tem significado, *não* mostra sentido algum [...]
- (4) Eu *não posso* desistir, eu *não posso* voltar [...]

Do tipo de recorrência mostrado, encontramos em 48 produções textuais o uso, principalmente, como dito acima, de manifestações envolvendo a negação. Em 14 textos, observamos os termos *sempre* e *nunca* como recurso para recorrência do mesmo item lexical como em:

- (5) *sempre* devido ao fato de *sempre* manter [...]
- (6) *sempre* com muita ousadia, *sempre* fazendo o mesmo [...]

A terceira forma de manifestação escrita produzida pelos alunos utilizando o recurso de recorrência lexical foi encontrada em situações de expressão positiva, exemplificada em:

- (7) Provavelmente *sim*, podemos dizer que *sim* [...]
- (8) *Sim*, eu penso que todos podem, *sim*, todos têm os mesmos direitos [...]

Assim, de acordo com as propostas de atividades baseadas na produção de textos argumentativos, a recorrência dos termos mostrados nos exemplos indica que o posicionamento dos autores está reforçado muito mais quando demonstrada uma proposição negativa nos diferentes temas discutidos do que quando demonstrado um posicionamento positivo. Os termos empregados mostram a ênfase dada na posição do autor o que produz e reforça a postura em relação à discussão.

2.2. Recorrência de conteúdos semânticos

Na recorrência com o emprego de conteúdos semânticos, totalizamos o uso dos indicados dados como exemplo por Koch e Elias (2006) e também buscamos outros termos com igual propósito nos textos.

O recurso mais empregado pelos alunos foi *ou seja* com 32 casos de frequência, em segundo lugar observamos o indicador *isto é* em 12 situações, seguido de *quer dizer* com 6 ocorrências e, por fim, *ou melhor* com 4 casos. Outras formas de emprego de conteúdos semânticos foram observadas, tais como *resumindo*, *em outras palavras*, *dito antes* e outros, totalizaram 5 casos.

De todos os casos totalizaram-se 54 recorrências de uso do recurso envolvendo formas de recorrência de conteúdos semânticos.

2.3. Recorrência de tempo e aspecto verbal

De acordo com as autoras, os tempos verbais pertencem a dois grandes grupos: os que servem para narrar e os que servem para comentar, opinar. Em cada um desses grupos, há o tempo básico que não expressa perspectiva, apenas sinalizam que se trata de relato ou comentário e outros, com retrospectiva – para eventos anteriores ao tempo-base – e prospectiva para eventos posteriores ao tempo-base.

Do levantamento realizado no estudo, identificamos sequências textuais marcadas pelo uso de verbos no pretérito perfeito simples e composto (retrospecção) e no futuro do presente (prospecção).

Na frequência de uso de elementos indicadores do *mundo comentado*, quando podemos interpretar como um posicionamento expresso do autor, identificamos 42 recorrências de retrospectção e 33 de prospecção.

Já para aqueles que indicam comentários sobre o *mundo narrado*, observamos frequência maior de sequências dessa natureza com 84 marcadores linguísticos de retrospectção e 43 para prospecção.

Os dados indicam que existe nos textos produzidos, tendência maior para o uso de elementos relacionados ao mundo narrado em comparação ao mundo comentado. Isso significa que há um distanciamento, de forma geral, do autor em relação ao seu próprio texto devido à predominância dos verbos no pretérito mais que perfeito e futuro do pretérito.

Por fim, na visão geral apresentada pelos dados analisados, é possível estabelecer algumas conclusões de ordem quantitativa. Primeiramente, há maior frequência de recursos envolvendo os recursos de aspecto verbal, com 202 situações de uso. Em seguida, temos reiterações pelo uso do mesmo item lexical com 62 marcas linguísticas indicadoras e 53 formas de uso de elementos utilizando-se de recorrência de conteúdos semânticos, conforme ilustrado no gráfico 1.

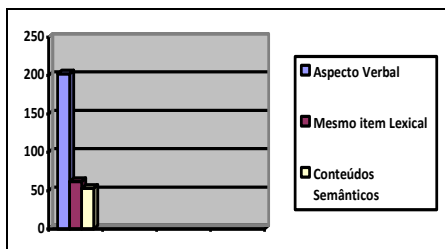


Gráfico 1

Nesse sentido, observamos as formas de sequenciação por recorrência relacionadas às habilidades na produção dos textos, de acordo com as marcas linguísticas deixadas ao longo de suas produções.

3. *Conclusões*

As ações previstas no planejamento da pesquisa proporcionam o reconhecimento do fenômeno relacionado às práticas de uso do idioma de língua portuguesa na produção de textos o que oportunizará a discussão de outras abordagens na apresentação do conteúdo em sala de aula. Além disso, a prática de pesquisa acadêmica na modalidade de iniciação científica estimulou a investigação dos fenômenos discutidos, assim como, abriu caminhos para outras possibilidades de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Muito além da gramática*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- FÁVERO, L. L., KOCH, I. G. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 2006.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003a.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003b.
- _____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____; TRAVAGLIA, L. C. *Coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PLATÃO, F. S., FIORIN, J. L. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005

SILVA, R. V. M. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS MANUSCRITOS:
DO MANUSCRITO ECLESIAÍSTICO
À ESCRITA ESCOLAR ATUAL**

Maiune de Oliveira Silva (UFG)

maiune20@gmail.com

Maria Helena de Paula (UFG)

mhp.ufgatalao@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a influência da linguagem oral em textos escritos, tendo como suporte um códice eclesiástico lavrado na primeira metade do século XIX. Em um exame acurado, percebe-se a reprise de alguns processos que podem ser facilmente encontrados na escrita escolar dos alunos que estão em fase de aquisição da escrita, bem como dos que supostamente já possuem domínio desse sistema. Para o trabalho ora proposto, pautaremos em apenas dois processos denominados alçamento e abaixamento de vogais, os quais são denominados processos morfofonológicos pelo fato de a morfologia sofrer influência direta da fonologia, favorecendo, assim, a configuração desses procedimentos. Hipotetizamos que esses “erros” recorrentes na ortografia se deve ao fato de eles desconhecerem que a escrita não é o espelho da fala pois, se assim fosse, seria necessário “consertar” as diversas pronúncias com o fito de haver uma padronização no que diz respeito aos dialetos. Cumpre ressaltar que por ser um *corpus* de natureza filológica, a leitura do códice foi feita obedecendo aos pressupostos determinados nas normas para transcrição de documentos manuscritos, postuladas em Megale e Toledo Neto (2005). Ademais, nos apoiamos nos pressupostos teórico-metodológicos constantes em autores como Camara Junior (1970), Coutinho (1971), Williams (1973) e Silva (2011) com o ensejo de entendermos melhor a influência que a oralidade exerce sobre a escrita escolar, uma vez que estes processos em análise foram escritos por um pároco, certamente com destreza no que diz respeito à escrita da época, mas, por descuido ou influência da oralidade, apresentamos alguns desvios ortográficos.

Palavras-chave: Escrita oitocentista. Escrita hodierna. Oralidade. Ortografia.

1. Primeiras palavras

As diretrizes que norteiam este trabalho operam com a ideia de que as modalidades oral e escrita da língua, embora tenham suas divergências normativas, em um determinado momento elas se imbricam. Deste modo, convém dizer que os primeiros esforços em estudar a língua oral e a língua escrita partiram do pressuposto de que elas eram opostas ou excludentes, isto é, cada qual possuía as suas particularidades e por isso não poderiam harmonizar.

Essa ideia foi se perdendo com os estudos aprofundados sobre a variação linguística, nos quais deteremos em alguns pressupostos teóricos para nortear essa investigação. Contudo, sabe-se que os traços de oralidade em textos escritos não são recentes, uma vez que eles são encontrados em textos manuscritos que remontam a Antiguidade.

Nesse sentido, a língua registrada nos códices revela sobejamente sobre a linguagem de outrora, demonstrando que traços de oralidade em textos que não permitem esse tratamento não é um problema recente. Por serem os assentos de batismo documentos oficiais da igreja, os quais foram redigidos por escribas que certamente tinham conhecimento mínimo sobre a composição dos vocábulos da língua portuguesa, eles não deveriam conter traços de língua falada, uma vez que o gênero textual não permite esse tipo de escrita.

É válido ressaltar que nos idos oitocentistas – época em que os documentos eclesiásticos foram redigidos – não havia acordo ortográfico para padronizar a escrita. A primeira tentativa de uniformizar a escrita entrou em vigor em 1911, com a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana; desde então alguns tratados foram criados para exterminar a escrita aleatória (WILLIAMS, 1973).

Contudo, ao redigir textos manuscritos, em que o principal objetivo era registrar os acontecimentos da época para que eles não se perdessem, os escribas nem sempre levavam em consideração a padronização da escrita, posto que a pressa na redação não permitia que pensassem na maneira de registrar os grafemas dentro de um contexto.

A oscilação dos sons também era considerada um problema no momento de manuscruver os assentos, uma vez que um fonema pode ser representado por diversos grafemas, como o fonema [ʃ] que pode representar os grafemas <x>, <ch> como em *xixi*, *taxi*, *chave*, *chuva* daí justi-